

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Commercio Class.: Madeira / Mogno

Data: 13/03/94 Pg.: 174

# Exploração intensiva ameaça mogno

LUCIANA GRAVINA

O Greenpeace está fazendo lobby junto aos países-membros da Convenção Internacional de Espécies Ameaçadas de Extinção (Cites) com o objetivo de incluir o mogno na lista das madeiras sujeitas a regras especiais para a comercialização. De acordo com o diretor de comunicação do Greenpeace, Guilherme Fiúza, isso não significa proibição da exploração e consequente comercialização do mogno, o que causaria impactos negativos às economias das regiões do sul do Pará, Acre e Rondônia, onde estão concentradas as reservas florestais da madeira mais nobre do solo brasileiro.

— O que estamos pleiteando é o controle rigoroso sobre a origem do mogno, que, segundo levantamento do próprio Greenpeace, é extraído, em sua maior parte, em áreas indígenas, o que não é permitido pela Constituição Federal — argumentou Fiúza. “A pressão que estamos exercendo sobre vários países da Europa e América Latina tem como finalidade convencer a Cites a votar a favor de nossa proposta de inclusão do mogno na lista das madeiras sujeitas à exploração predatória e indiscriminada, que muito rapidamente leva à extinção da espécie”, completou.

De acordo com Fiúza, o Brasil é o país que tem a maior taxa de desflorestamento do mundo, amargando o registro anual médio de 1,2 milhão de hectares devastados. As grandes vilãs do ecossistema brasileiro são a expansão da indústria pecuária e da madeireira, que na verdade abre os caminhos para a primeira. “A exploração da madeira é bastante primária. As indústrias traçam um verdadeiro caminho de destruição, como se fossem nômades. Quando a fonte de que se utilizam se esgota, o jeito é partir para a exploração de novas áreas florestais e assim por diante. É deste modo que agem as indústrias de móveis, carvão e construção civil, mostrando dar pouca importância à preservação da natureza”, desabafou João Augusto Pá-

### Violação de área indígena

O diretor de comunicação do Greenpeace, Guilherme Fiúza, afirmou que a última ação direta do órgão ambiental objetivou atingir uma das maiores indústrias madeireiras do sul do Pará, a Maginco, que explorava mogno de forma indiscriminada em áreas demarcadas como território indígena.

— Para chamar a atenção da opinião pública, os simpatizantes do Greenpeace acorrentaram as serralherias e impediram a continuação da produção — disse Fiúza.

Para ele, foi mais uma atitude simbólica que acabou dando lugar a uma ação civil pedida junto ao Ministério Público pelo Greenpeace e pelo Núcleo do Direito Indígena. O juiz deu uma liminar proibindo o que já é legalmente inadmissível por lei obrigando o Ibama a interditar

as estradas de mais de três mil quilômetros abertas pelas indústrias madeireiras para alcançar as reservas de mogno, explicou.

Outra prova de que o Greenpeace está empenhado na preservação da espécie mais rara de madeira do Brasil foi a campanha realizada junto aos compradores de móveis de mogno da Inglaterra — maior centro consumidor de artefatos da madeira nobre exportados do Brasil. A campanha incentivou os ingleses à compra, mediante exigência de atestado que comprovasse a extração legal da madeira.

“É como um atestado de idoneidade, que permite maior controle das práticas dos produtores de móveis, pois muitas vezes desconsideram a questão ambiental”, ressaltou Fiúza.

dua, coordenador da campanha de reflorestamento do Greenpeace na América Latina.

Segundo Pádua, existem atualmente 800 mil quilômetros de área coberta de mogno na Amazônia, resistentes à exploração em grande escala da espécie. “O resto foi extraído das antigas reservas na Mata Atlântica e Mata de Araucárias, respectivamente no sudeste e sul do Brasil”, observou Pádua. De 1970 até 1993, foram devastados cerca de 3,1 milhões de metros cúbicos de mogno no território brasileiro, evidenciando a falta de compromisso dos setores industriais na reposição das árvores que são usadas como matéria-prima. “O reflorestamento do mogno existe em escala mínima, se comparado ao de árvores como pinus e o eucalipto, que podem ser plantadas de forma sequestral, dispostas lado a lado, sem problemas”, explicou.

O mogno já apresenta características peculiares e só pode ser plantado de maneira dispersa, por

necessitar de uma interação entre várias espécies vegetais para sobreviver. Se não for desta maneira, as espécies, na maioria das vezes, são vítimas de uma doença denominada popularmente “praga da mariposa”, que destrói toda a madeira por dentro. “Mas essa dificuldade não impede que se faça o reflorestamento do mogno”, adiantou Pádua, completando que já existem técnicas para viabilizar economicamente o replantio.

A luta do Greenpeace evolui no sentido de converter o corte predatório no corte conhecido como sustentável, na linguagem técnica dos engenheiros florestais. A extração sustentável pode diminuir em até 80% o impacto do corte de madeira sobre a floresta, o que parece muito quando se sabe que, para cada mogno derrubado, outras 28 árvores também são retiradas, o que corresponde à devastação de 1,45 metro quadrado em média, já que as copas ficam totalmente entrelaçadas, dificultando a extração.

### Móveis são feitos de madeira comum

A proposta de inclusão do mogno na lista das madeiras sujeitas a restrições na comercialização, encabeçada pelos ativistas do Greenpeace, não representa qualquer ameaça ao setor de indústria e exportação de móveis. A avaliação é do consultor especializado em indústria de móveis, Sávio Visconti, secretário executivo, há 17 anos, da Associação dos Fabricantes Brasileiros de Móveis.

— Isso ocorre porque os móveis fabricados no Brasil são confeccionados, em sua maioria, com madeiras típicas de replantio como o pinus, que hoje tem o custo cerca de cinco vezes menor que o do mogno, orçado de US\$ 500 a US\$ 800 o metro cúbico, contra os humildes US\$ 160 cotados para o pinus. A madeira de replantio tem ainda a vantagem de poder ser tingida e ficar idêntica ao mogno, além disso existem máquinas com sensores eletrônicos que permitem melhorar sua qualidade e durabilidade. Vítima de preconceito por parte dos consumidores brasileiros, a madeira de replantio é muito procurada no mercado europeu, principalmente alemão, pela sua condição de produto ecológico — esclareceu Visconti.

Fora isso, é bom lembrar que a indústria de móveis consome apenas 10% da madeira extraída, ficando a indústria carvoeira e de construção civil como as que mais se utilizam da matéria prima. “Ao contrário do que sustenta a opinião pública, a indústria de móveis não age de maneira predatória e nem está contribuindo para a extinção das espécies de madeira nobre”, afirmou.

Fabricando móveis de primeira qualidade a partir de pinus e eucalipto, encontrados em grande escala nas reservas florestais de Minas Gerais, o setor alcançou crescimento de 190% em 1993 em relação ao ano anterior.